

NOTAS AUTOBIOGRÁFICAS E REFLEXÕES (Dedicado a Regina Rochefort)

Pedro P. Geiger

Agradeço ao Professor Armem Mamigonian o convite para apresentar estas notas autobiográficas, acompanhadas de algumas reflexões.

Tenho, publicados, alguns trabalhos sobre o pensamento geográfico no Brasil⁽¹⁾, que revelam aspectos da minha participação no processo. No presente escrito, e de acordo com o espírito da época atual, da chamada pós-modernidade, procurei valorizar aspectos existenciais e suas relações com a minha carreira de geógrafo.

1. Origem familiar, cidade, primeiros estudos, a Faculdade.

A pós-modernidade considera a inexistência de uma identidade única. Cada indivíduo seria dotado de diversas identidades, historicamente estruturadas, cada uma sendo vivenciada num determinado tempo, ou, recebendo uma atenção maior ou menor. Sabê-lo é um alívio, para quem desde criança viveu intensamente questões de pluralismo.

Sou filho de imigrantes palestino/israelenses (!), judeus nascidos na antiga Palestina e que migraram para o Brasil, após a Primeira Guerra Mundial. Nasci em 18 de fevereiro de 1923, mas registrado como sendo de 1º de março. Naquele ano, 18/2 correspondia ao primeiro dia do mês lunar de Av, e meu pai achou importante sinalizar este fato, pois, desde a Antiguidade, o primeiro dia de Lua nova é sagrado. Então, me registrou como tendo nascido no primeiro dia do mês universal próximo. Assim, meu aniversário passou a coincidir também com a data da fundação da cidade do Rio de Janeiro.

Ocorre que o ano lunar, de 12 meses de 28 dias, tem apenas 304 dias. Para evitar o deslocamento dos meses em relação às estações, acrescenta-se, periodicamente um 13^o(!) mês, justamente um Av B. Deste modo, posso chegar a 4 datas de aniversário num dado ano: 1^o de março, 18 de fevereiro, o dia do calendário universal em que cai o 1^o de Av A e idem para o 1^o de Av B. Como se vê, minha pós-modernidade começou cedo, como cedo se associaram fortemente na minha mente, vida individual e vida social.

Meus pais descendem de famílias do Império Austro/Húngaro que migraram para a "Terra Santa" no século 19, num movimento romântico que antecedeu o Sionismo. A do meu pai, em Zewfat, histórico centro cabalístico, na Alta Galiléia; a da minha mãe, em Tibérias, cidade que foi fundada para homenagear Tiberius, à beira do lago de mesmo nome, sobre o qual "caminhou o Cristo". Meu pai valorizava o fato de ter sido 6^a geração do fundador do "chassidismo", um médico de apelido *Baal-Shen-Tov* (Dono de Um Bom Nome), que, no século 18, criou um movimento populista religioso, cuja premissa era sobrepor o prazer da vida religiosa à erudição religiosa. Valorizava também outros antepassados, mais próximos, que ocuparam cargos na administração do Império e que foram agraciados com títulos nobiliários. Já a minha mãe contava a modernidade de meu avô materno, que foi rebaixado, de professor de *Yeshiva* para mestre-escola de menores, porque lia jornais em alemão... e que já velho e cego, continuou ensinando, conhecendo todo o saber rabínico de cor. Coisa rara para a época, fez uma mulher, minha mãe, erudita na literatura sacra, uma *Yenti*.

Resultou que na casa do meu pai, que sempre foi pobre, reinava um ambiente "aristocrático", que o inibia de se dedicar ao comércio. Já moço, o quadro me lembrava, a associação freqüente, de nobreza e pobreza quando da ascensão da burguesia na Europa. Embora conhecedor do ofício de tipógrafo, meu pai não pode exercer outra profissão, no Brasil, que não fosse a de "prestamista". Era comum, ele, em vez de receber pelas mercadorias entregues, ajudar os fregueses, a maioria tão pobre quanto ele, que transformava em roda de amigos, com longos bate-papos nas casas visitadas.

Seguia a religião, sem ser "fundamentalista". Uma religião que conservava o caráter de totalidade, abrangendo uma gama de instâncias sócio-culturais e político-jurídicas. Boa parte do seu tempo dedicou a atividades de cunho comunitário/judaicas. Minha mãe, no fundo, era agnóstica, o que descobri, já adulto, nas suas freqüentes ironias. Para minha fantasia infantil, meus pais encarnavam os patriarcas, Abraão, fiel seguidor das ordens divinas, e Sarah rindo de Deus, quando lhe anuncia um filho. E eu, de certa maneira, seria o

quase sacrificado Isaac, já que meu pai tentou me segregar bastante dos "gentios".

A literatura se refere à ironia como um caráter da pós-modernidade⁽²⁾. Um olhar sobre o cinema mostrará grande participação de judeus no gênero cômico/irônico, os irmãos Marx, Mel Brooks, Woody Allen... Creio que a tradição bíblica, do homem ironizando ou lutando com a divindade (Job, Sarah, Jacó contra os anjos) seria uma das origens. A outra, ser "povo eleito" e ter passado por tantos massacres.

Neste quadro, minha infância foi muito dividida, entre a vizinhança e a escola, brasileiras, e a comunidade judaica formada de maioria de imigrantes, que mantinha fortes laços com a Europa. Para mim, o Mundo começou a existir, concretamente, muito cedo.

A falta de recursos financeiros impediu que meus pais me mantivessem em escola paga, da comunidade. Terminei o primário na escola pública Barão Homem de Melo, na avenida 28 de setembro, Vila Isabel, bairro onde morávamos. O Ginásio fiz no Externato Colégio Pedro II. Eu viajava de bonde ao Colégio, até hoje situado na rua "Larga" (Floriano Peixoto), em frente à Avenida Passos. Para tomar o bonde, caminhava até o "ponto de cem réis", na esquina da rua Souza Franco com a 28 de setembro, uma seção da linha de bondes. Hoje sei, que a seção se localizava neste ponto porque no fim da rua Souza Franco se localizava a fábrica de tecidos Confiança (hoje o *Shopping Boulevard*), que inspirou os "Três Apitos" de Noel Rosa. No "ponto de cem réis", o movimento era intenso durante as mudanças dos turnos de trabalho, inclusive a noite, quando, vindos dos dois sentidos, desciam do bonde os operários que vinham trabalhar, e subiam, cobertos de fiapos brancos de algodão, como se fosse neve, neve nos trópicos, os que retornavam. Hoje sei que a localização do "ponto de cem réis" visava economizar, o que representa hoje cerca de 10 centavos, no custo do transporte dos que ganhavam salário mínimo.

Numa época morávamos numa vila da rua Teodoro da Silva, vizinha de outra onde morava Noel Rosa, que ouvíamos cantar e tocar violão em reuniões de vizinhança, inclusive em noites de São João, em torno de fogueiras... A festa de São João é citada numa de suas composições.

Cedo passei a conhecer a geografia da cidade. Deslocamentos para estudar; para cobrir itinerários do meu pai, para ajudá-lo em algumas entregas, ou cobranças, de uma freguesia que se espalhava por diversos bairros periféricos da cidade; passeios da família, ou, para acompanhar meu pai em caminhadas para a sinagoga, que ficava no Centro, na Praça 11, aos sábados e feriados judaicos, quando lhe era proibido viajar. Mais tarde, descobri que meu

pai me pedia para ajudá-lo, particularmente, junto a famílias que tinham membros letrados, para expressar orgulho de ter um filho estudante.

A propósito das caminhadas, uma história de "talmudistas" me impressionava muito. Entre 4 principais, um era designado de "o Outro", por ter se tornado um *apicoress*, em hebraico, um agnóstico. Mais tarde descobri que o termo vinha de Epicuro, a expressão hebraica se referia a epicurista. O judaísmo rabínico fora influenciado pela cultura grega. A história conta que, em pleno sábado, o "Outro" montava um jumento, seguido a pé por discípulos a quem expunha suas idéias. Chegando aos limites da cidade, os estudantes absortos em ouvir, o "Outro" lhes diz: "pela Lei, no sábado, só é permitido caminhar até os limites da cidade; se continuarem me seguindo, a responsabilidade é vossa". A história me emocionava, porque, sem abandonar o respeito ético pelo passado, eu estava me abrindo para a modernidade. Os estudos de Física, Química, História Natural e também da História da Civilização me conduziam para o materialismo e para a cultura universal.

Portanto, a "variável espacial" participou desde cedo na minha problemática existencial. Não era apenas o registro de uma configuração geométrica de ruas, construções, redes de transporte, energia, e comunicações. Cedo começou a se desenhar, na minha cabeça, uma geografia social, inclusive a da comunidade judaica, judeus com lojas de vestuário e móveis na Praça 11, lojas de móveis na rua do Catete; judeus com oficinas artesanais, de vestuário, bolsas, guarda-chuvas, em sobrados das ruas Senador Euzébio, Visconde Itauna (depois demolidas para a abertura da Avenida Getúlio Vargas) e Santana, fornecedores de lojas; lojas e oficinas fornecedoras e financiadores de prestamistas, como o meu pai. Um prestamista bem sucedido poderia se tornar lojista; um artesão bem sucedido podia associar oficina e loja e vice-versa. Judeus enriquecidos se moviam para o Flamengo, mas a maioria dos prestamistas permanecia pobre e se localizava em bairros e subúrbios da Zona Norte, Vila Isabel, Andaraí, Meier, Engenho Novo, Engenho de Dentro, Piedade, Madureira.

Meu melhor *insight* em Geografia Urbana foi num relatório sobre o Jalapão, em 1943, aos 20 anos de idade e que nunca foi publicado. Mencionei esta opinião no primeiro Simpósio de Geografia Urbana da AGB⁽³⁾. Creio que refletiu as vivências acima descritas e a formação de uma consciência de classe. Neste relatório, a hierarquia urbana foi descrita segundo a composição social das cidades. Correntes, a mais distante, no interior do Piauí, tem sua classe dominante formada de criadores de gado. Rio Preto, na Bahia, dispõe de um comércio relativamente mais importante, e seus lojistas se tornaram também fazendeiros de gado; alguns são descendentes de "sírios" e compraram terras e

gado de famílias tradicionais, sendo que algumas destas se mudaram para Salvador. Finalmente, Barra do Rio Grande, tem sua classe dominante formada por atacadistas, que compram inclusive em Rio Preto e revendem para Salvador.

Em 1939, terminei o Ginásio, então de 5 anos. O aluno então optava por um dos 3 Cursos de Complementar, Medicina, Engenharia ou Direito, cada um de dois anos de duração. Minha intenção era ser médico, o que significava mais 8 anos de estudos. Ocorre que meu pai já vinha contando que filhos de fregueses seus ganhavam bem como professores de ginásios públicos, a famosa "letra O", cantada no Carnaval⁽⁴⁾. É a época da criação das Faculdades de Filosofia, da profissionalização do magistério. Tomei como uma indireta para facilitar as coisas, e imaginei ganhar 4 anos, pois, havia isenção do Complementar para cursar a Filosofia, cujos cursos só duravam 4 anos, incluída a Didática. Minha intenção, tornar-me professor para auto-custear meus estudos de medicina.

Deste modo, entrei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Brasil, hoje Federal do Rio de Janeiro. Contudo, freqüentei simultaneamente o Complementar de Medicina, noturno, do Colégio Rabelo e me formei.

2. *Porque escolhi Geografia e História?*

Desde adolescente, foi grande meu interesse pela política mundial. Meu pai, que conheceu o regime otomano e o regime inglês na Palestina, se tornou uma admirador dos que, "depois dos judeus, mais respeitavam a Bíblia", e que tinham emitido a Declaração Balfour (criação de um "lar judeu" na Palestina). Nos anos 30, apresenta-se o grande conflito ideológico envolvendo a democracia, o comunismo e o fascismo. Naturalmente, as primeiras manifestações na minha casa, se relacionavam à situação no Mediterrâneo. Assim torci pela Abissínia, a favor da Inglaterra democrática, contra Mussolini. Tomando conhecimento de partidos que pensavam nos pobres e oprimidos, em 1936, já torcia, pelos republicanos na Espanha, ainda mais, sendo contra o avanço fascista, e pelo "front populaire" na França. Naturalmente, abominava o Integralismo, e sentia desgosto pela implantação do Estado Novo, com suas ideologias totalitárias e de homogeneização cultura. Lia *O Malho*.

Paralelamente, eu desenhava bem, e gostava de desenhar mapas, inclusive das guerras. Foi assim que optei pelo Curso de Geografia e História, pensando mais na Geografia. Uma amiga querida, dada a Freud, acha porém

que a escolha manifestou o subconsciente querendo reforçar a identidade com o Brasil.

Minhas melhores notas no Vestibular foram em Cosmografia e Desenho, não o desenho livre, mas o desenho geométrico, relativo a projeções, matérias que eu aprendera bem no Pedro II. Eu conjugava um interesse pela política e uma inclinação para a ciência física.

A turma na Faculdade era muito heterogênea, inclusive quanto à idade. Alguns alunos eram velhos professores tratando de regularizar sua condição. No Rabelo, eu era aluno do Complementar, enquanto um colega da Faculdade, era professor de História. Notei a falta de uma boa base matemática, de lógica, na maioria dos colegas e a prevalência do "bacharelismo". No passado, muitos professores de História Natural eram médicos, de Física, engenheiros, sendo que em Geografia e História, havia muitos advogados. Estes fatos influenciaram depois na minha posição a favor da "quantitativa".

As atuais geógrafas e amigas Lea Goldenstein e Fany Rachel Davidovich, e a que foi, Regina Pinheiro Guimarães Spindola, depois Rochefort, foram colegas de turma. As duas primeiras vinham de famílias judias bem sucedidas e "progressistas", já afastadas da prática religiosa cotidiana. Devo ter sentido inveja, ao vê-las mais livres, e em melhor condição financeira. Ver minha família, pobre e tradicional, as delas, progressistas, mas de padrão burguês, motivou reações estranhas de consciência de classe: resisti à politização para o socialismo tentada pela Lea, e, a primeira vez que visitei a casa da Fany, não ingeri canapés e *sandwiches* porque não eram *casther*. Quanto à Regina, filha de almirante, ou contra-almirante, da Marinha era extremamente "reacionária" frente aos movimentos esquerdistas que logo passei a defender.

A politização para o marxismo e o socialismo eu aceitaria de colegas que não fossem judeus, e, neste sentido, o principal foi Newton de Almeida Rodrigues.

3. Professores e autores.

Os professores que mais influenciaram na formação do meu pensamento foram os do Pedro II. José Oiticica, que soube depois, trotskista, levado preso, em 1935, da sala de aula, ensinava português, enfatizando a lógica na linguagem e o estilo. Mandava ler Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos. Um dever meu foi comentar Menino de Engenho. Jonatas Serrano mostrou que a História da Civilização não era apenas um relato cronológico de eventos, e, os irmãos Raja Gabaglia já ensinavam a moderna Geografia, quando os livros do Veiga Cabral ainda eram os mais vendidos.

Na Universidade, Arthur Ramos e seu curso de Antropologia teve influência ao transmitir o conteúdo ideológico do conhecimento. Os outros professores transmitiam conhecimentos técnicos, sem maior emoção. Josué de Castro foi um médico que tratava da dieta de senhoras da alta sociedade e que por suas ligações com o poder getulista fora nomeado para a cadeira de Geografia Humana. Teve o mérito de ter pensado o tema da fome, embora as teorias por ele levantadas não tenham maior expressão. Muitos eram assistentes, como Eremildo Viana, repetindo textos sobre a Idade Média, e que depois foi um "dedo-duro" mór, na ditadura. Os mais profissionais eram estrangeiros convidados, Antoine Bon, especialista em Arte Grega, Tapié, professor de História Moderna e Francis Ruellan.

Francis Ruellan teve papel decisivo na minha vida. Não foi um homem de esquerda, mas, ao contrário de outros franceses, não voltou a seu País, enquanto não libertado (Monbeig também agiu assim). Exerceu um papel moral, quanto à disciplina e dedicação ao trabalho, indo ao encontro do que me ensinara a instância religiosa. Lembro a 1ª excursão sob sua chefia, no Rio de Janeiro, num sábado chuvoso. Iríamos de bonde Gávea, do "Tabuleiro da baiana", uma estação terminal dos bondes da Zona Sul, onde hoje é o Largo da Carioca até o fim da linha e, de lá, a pé, fazer o que hoje é a Rocinha, descer para São Conrado e Jacarepaguá, subir por Furnas até a Cascatinha, para retornar de bonde Alto da Boa Vista, pela Tijuca. Fui o primeiro aluno a chegar, pouco antes das 8 horas, hora marcada, e lá já estava o Ruellan, de caqui, botas, capacete e a bengala alpina. Chovia, e lhe ofereci meu guarda-chuva. *Un geographe n'use pas un parapluie*, foi a resposta. Nunca mais usei guarda-chuva em trabalho... enquanto me mantive geomorfólogo. O mais importante, é que foi o Ruellan quem me indicou para o IBGE, o que acabou de vez com minha pretensão de ser médico.

No entanto, além dos aspectos morais, mesmo Ruellan representava, apenas uma ampliação, uma extensão, dos conhecimentos científicos adquiridos no Pedro II. E quanto à geomorfologia, que fiz até os anos 50, era o mesmo. A grande mudança, no sentido vertical, se realizava pela atividade estudantil, pela leitura do marxismo, do materialismo histórico, e da economia política e pela participação em movimentos como o de expulsar Wanda Torok, assistente de Delegado de Carvalho, para ensinar História Moderna, por incompetente; impedir a posse de Santiago Dantas, que fora integralista, como reitor, obrigando o governo a recuar e nomear Leitão da Cunha; a marcha ao Guanabara, para exigir a entrada do Brasil na Guerra.

Neste ambiente, a própria Geografia Humana era colocada em causa como Ciência. No campo social, haveria uma ciência única, a Economia

Política, e a Geografia seria um de seus capítulos. Portanto, prevaleceu um reducionismo entre os que, desde os anos 40 enfrentaram a "geografia tradicional", sem maior preocupação com uma epistemologia específica para a Geografia.

Deste modo, de Martonne, Vidal de la Blache, e outros clássicos que eram indicados para ler, não exerciam maior impacto. Contudo um autor me impressionou sobremaneira, Camille Vallaux, ao ler *Les Sciences Geographiques*, porquanto lá estava, no pano de fundo, a preocupação filosófica e metodológica geral. Já fora da geografia, além de Marx, Kautsky, Plekhanov e outros, conheci cedo Henri Lefèvre. Ruellan me enviara como bolsista à França em 1946 e um ano depois era lançado o *Logique Formelle, Logique Dialectique* que comprei⁽⁵⁾. Quanto ao Brasil, a obra de Caio Prado Júnior.

4. Primeiro trabalho.

Entrei no Conselho Nacional de Geografia, CNG do IBGE em 1942. Na Seção de Estudos, chefiada por Fábio Macedo Guimarães, havia mais dos geógrafos formados, Lúcio de Castro Soares e Lindalvo Bezerra dos Santos, e um cartógrafo/estatístico/topógrafo auto-didata, Héldio Xavier Lenz Cesar. Ele e Miguel Alves de Lima, então bibliotecário do CNG, mobilizados pelo Ruellan para levantamentos de campo, se formaram depois em Geografia. Orlando Valverde era Secretário Assistente do CNG. Orlando era genro de Carneiro Felipe figura mór do Conselho Nacional de Estatística e Fábio sobrinho do Presidente do IBGE, embaixador José Carlos de Macedo Soares. Francis Ruellan era espécie de consultor do IBGE que indicou um Pinchas Geiger para um meio que era dominado por famílias tradicionais e que se expandia, em parte, por nomeações através de laços familiares. A prática era reproduzida mesmo por filhos de imigrantes que se inseriram no sistema. Jorge Zarur, formado pelo Pedro II, protegido de Delgado de Carvalho e de Raja Gabaglia também entrou no CNG e conseguiu a nomeação de numerosos parentes. O procurador-geral do IBGE era um Raja Gabaglia. O pai de Regina Rochefort foi membro do Diretório Central do IBGE, etc. O Brasil de hoje ainda é muito o Brasil de ontem, o que não quer dizer que o nepotismo não nomeie também pessoas de valor.

Um ano depois, realizei meu primeiro grande trabalho, participando da expedição ao Japão, que durou 6 meses. O objetivo primeiro da expedição era cartográfico, completar uma folha do Brasil ao milionésimo, na região dos

limites da Bahia, Piauí, Maranhão e Goiás. Ruellan conseguiu que um geógrafo fosse incluído para realizar uma descrição regional e me indicou.

Saí do Rio em abril, por trem para Belo Horizonte. De lá, em bitola estreita, para Pirapora, os passageiros ajudando a colocar o trem nos trilhos quando descarrilhou devido a uma cabeça de gado. De Pirapora desci o São Francisco de "gaiola", até Barra, onde aguardei a equipe vinda de Salvador, de trem a Juazeiro e daí subindo de "gaiola". Nesse interim, peguei malária.

A equipe era formada de engenheiro-geodesta e topógrafos. Minha missão fazer um relatório geográfico regional, sendo que, para a geomorfologia, deveria realizar um levantamento topográfico... de algumas centenas de quilômetros. O trajeto foi feito a lombo de burro, o automóvel era desconhecido na região, seguindo trilhas, sem qualquer indicação de direção. Eu nunca tinha montado, e, para fazer o levantamento, devia parar a cada mudança de ângulo, ler e registrar o odômetro, que media o número de passos do animal, ler e registrar o barômetro, para a altitude, mirar e registrar a nova direção da trilha pela bússola. A leitura da bússola deveria ser feita com a agulha completamente parada, o que eu observava religiosamente, mas não meus novos companheiros, que também faziam o levantamento. Além disso, depois da parada, o burro cismava em não se mover, tendo percebido quem o montava. Conseqüentemente eu ficava para trás, só, angustiado de me perder, sendo salvo pelo mesmo burro, que seguia o caminho dos "companheiros".

A noite, se acampava ou se ocupava casebres de pau-a-pique, onde todo o cuidado devia ser tomado quanto a cobras, "barbeiros" e outros bichos. À luz de lampiões a gente fazia relatórios. Com frequência, os companheiros gargalhavam entre cochixos, quando um deles sugeria ao chefe, engenheiro Gilvandro, "milho pro's burros". Curioso, perguntei o que era, mas não explicavam. Somente muitos anos depois, adivinhei, quando o dito engenheiro foi demitido em processo de corrupção.

Depois de chegar a Rio Preto, continuaríamos para o Oeste, entrando nos Gerais. Então foi contratado um guia, seu Vitaliano. Fizemos amizade e foi ele que me contou histórias da passagem da coluna Prestes. Nos Gerais, ficamos uma vez durante um mês sem encontrar ser humano, em meio a paisagens belíssimas, com escarpas esculturais de arenitos vermelhos e amarelos, e brejos balisados de buritizais. O contato com o Mundo se fazia às 21 horas, ao sinal da BBC de Londres, em nosso rádio, momento de leitura do céu, para determinar latitude e longitude. Aproveitamos para ouvir o noticiário, e assim, nos gerais, soubemos da invasão da Sicília.

Já mencionei que foi no Jalapão que tive a idéia de hierarquia urbana, que nunca ouvira antes, e de um conceito de classificação talvez melhor que o da

centralidade. Mais tarde, percebi o sentido político-social da campanha cartográfica do IBGE, ao trazer novas precisões à configuração do território, com conseqüente intervenção nas relações de propriedade, por parte do poder centralizador. Por isso, fazendeiros arrancavam marcos do IBGE destinados a assinalar coordenadas geodésicas, quando a centralização pelo governo federal continha elementos positivos.

Ainda na primeira fase de minha presença no IBGE, fui um dos fundadores do Clube dos Ibeanos, onde atuei por longos anos. O Clube deu origem à atual Associação e ao Sindicato dos funcionários do IBGE.

5. *Influência de geógrafos.*

Influência intelectual maior significa, para mim, uma contribuição maior para uma mudança vertical, do que para a extensão do conhecimento.

Waibel, introduzindo a idéia dos sistemas agrícolas; von Thunen eu já conhecia através da *Questão Agrária de Kautsky*⁽⁶⁾.

Regina Rochefort quando voltou da França em 1951, outra, marxista, trabalhando junto comigo, na periferia do Rio de Janeiro. Fizemos um artigo sobre os investimentos urbanos na produção de frutas no recôncavo da Guanabara, para mostrar que esta economia sucedia aos antigos engenhos de açúcar; que a economia do açúcar se concentrara em usinas, e que os investimentos urbanos também se voltavam para a especulação imobiliária; e que portanto, não foi a abolição responsável pelas mudanças na Baixada. Por parecer do geólogo Frois de Abreu, e silêncio (para não se comprometer) de José Veríssimo, o artigo foi recusado na *Revista Brasileira de Geografia* por ser matéria de sociologia... Foi publicado no Anuário Geográfico do Estado do Rio de Janeiro, pelo empenho de Luís de Souza.

Luís de Bramão não era propriamente geógrafo, mas pedólogo. Conheci-o através de Moacyr Pavajeau, quando dos trabalhos da Baixada Fluminense. Ele introduziu a moderna classificação de solos, segundo o seu perfil morfológico. Antes renava José Setzer e a classificação por composição química. Acabei fazendo seu curso de Pedologia, na Universidade Rural do Rio de Janeiro, e ensinei Geomorfologia, para a turma que fazia o 1º mapa de solos do Rio de Janeiro e do Brasil. Participei de alguns trabalhos deste evento e publiquei trabalho na *RBG* sobre o Norte Fluminense, com capítulo sobre solos⁽⁷⁾.

Os geógrafos franceses em torno de Pièrre George, que aqui apareceram para o Congresso da UGI de 1956. Tricart introduzindo a Geomorfologia Climática, em oposição ao restrito conceito Davisiano de ciclos de erosão.

George e Michel Rochefort, introduzindo o que se considerava uma Geografia de epistemologia marxista, mas que na realidade se baseava na visão sistêmica funcionalista. Inspiraram meu livro sobre a rede urbana brasileira⁽⁸⁾.

Depois, Brian Berry e David Harvey. Em fins de 1968, caiu em minhas mãos o livro de Brian Berry *Flows of Commodities in India*. O início me atraiu muito, mas, eis que se segue a Análise Fatorial, e não entendi mais nada. Pela primeira vez, me vi diante de um texto, dito de Geografia, que não adiantava reler, que continuava sem entender nada. O que me aborreceu muito. Logo depois, passa o John Friedman pelo IBGE, e diante de um sem número de mapas temáticos, que deveriam ser superpostos, para que se definissem associações, regionalizações, pergunta: por que vocês não fazem uma Geografia como a de Brian Berry?

Em 1967, eu estivera na Conferência Regional da UGI no México, onde apresentei um trabalho com bastante número de índices estatísticos. Eu consultava a respeito o saudoso Pompeu Accioly, amigo comum com Orlando Valverde, desde os tempos em que eu me ocupava com Geografia Agrária. O Orlando, brincalhão como sempre, me chamava "o geógrafo dos índices". No livro da Rede Urbana, de 1964, apresentei duas colunas de cidades brasileiras, pela ordem de importância populacional, e pela ordem de importância da função portuária, para mostrar a relação, sem saber que poderia expressá-la por um índice de correlação ordinal. Pois, no México, acercou-se de mim um geógrafo britânico, John Cole, que gostara da minha apresentação e fizemos camaradagem.

Em 1969, eu me encontrava nos Estados Unidos, como professor visitante na Columbia University, quando recebi uma carta do Cole, dizendo que ia visitar o Brasil e queria um contato com o Departamento de Geografia. Indiquei a Marília Galvão, então chefe do Departamento que, junto com o Spiridião Faissol, recebeu o professor de Nottingham, e deram início a cursos de Geografia Quantitativa no IBGE. Finalmente, eu poderia entender o livro de Brian Berry.

Quanto a Harvey, na verdade, foi mais minha testemunha. Logo que "entendi" a "revolução quantitativa", percebi no íntimo o estrago que faria, não digo só na Geografia tradicional, mais do que isso, no comportamento tradicional, e que a introdução da lógica científica, que fosse a formal, conduziria à sua passagem para a lógica dialética e o marxismo. Na época da outra "revolução", não tive a coragem de dizê-lo explicitamente. Harvey foi uma das primeiras testemunhas deste processo. O fenômeno se repetiu, abundante, no exterior e no Brasil.

Conheci Milton Santos na Assembléia da AGB em Jequié, no início dos anos 50, creio, advogado, jornalista. Se não me falha a memória, ainda não era formado em Geografia. O preconceito virou-se contra ele, numa época em que havia duas categorias de sócios: os efetivos, eleitos pelos outros efetivos, e os comuns. Não tinha diploma e era negro. O centro da reação se situava em São Paulo. Milton teve o apoio do "populista" José Veríssimo da Costa Pereira, dos "esquerdistas" Orlando Valverde e Pedro Geiger. Para mim, a solidariedade tinha também a conotação de aliança de discriminados por razões étnicas.

Tornamo-nos amigos. Lembro suas vindas ao Rio, quando se hospedava no Hotel Itajubá, na Cinelândia, onde eu ia visitá-lo para bate-papos. Seu convite para que eu escrevesse sobre a metrópole paulistana, numa série jornalística na *Folha* etc.

Invoco o grande Galileu, para me defender de fraquezas. Confesso que me acovardei durante o regime militar. Não fui claro na minha posição em relação à quantitativa e não expus com mais vigor minha amizade ao Milton. No governo Geisel, quando a ditadura começou a abrandar, fui o primeiro a citar Milton num artigo da revista do IPEA⁽⁹⁾, antes de sua volta ao Brasil. Comentei isto com ele, mas, com toda razão, achou pouco. No entanto, minhas fraquezas são maiores, sou bastante disperso, não resisto aos prazeres, de modo que devo muito aos amigos em termos de atenção, e ao trabalho, em termos de maior produtividade. O estigma "chassídico"?

Na verdade, se eu mencionar os colegas e outros profissionais e intelectuais que tiveram papel no meu desenvolvimento, através de convivências, debates, laços de amizade, colaboração, oferta de oportunidades, ações comuns, seria uma lista longuíssima, sujeita a omissões imperdoáveis. Estaria incluído, o Armen, com o qual nunca deixei de ter um adorável debate, em qualquer reunião em que estivéssemos junto. Citei o Milton, porque me induziu, de acordo com a premissa inicial, a rever questões conceituais, como a da formação sócio-econômica, à qual acrescentou espacial. Na verdade, junto com o Milton, todo um conjunto de geógrafos que conduziram a chamada Geografia Crítica, a maioria de norte-americanos e ingleses, me impressionou muito.

Mas recentemente, meu interesse se volta para a chamada cultura da pós-modernidade. No fundo, significa que a interpretação ortodoxa do marxismo está sendo superada, principalmente pela experiência humana da segunda metade do século. No meu modo de ver, a época valoriza a questão da autonomização histórica crescente das instâncias sociais o que relativiza a questão da determinação. Na Geografia, uma resposta tem sido a revalorização

do tema cultural. No entanto, este é um assunto que espero tratar aos 80 anos de idade.

6. *Experiência no CNG.*

O professor Leuzinger, que ensinava Geografia Física, engenheiro autodidata, chegou a me sondar a ser seu assistente na Faculdade. Eu era muito ingênuo, disse que aceitava, mas que manteria minhas convicções políticas. Designou outra pessoa. Posteriormente, Hilgard Sterenberg fechou as portas para os professores do grupo de George, e para mim. A raiva dele era maior, por causa da Regina, que era prima de 1º grau da Carolina, sua esposa, que achava ter sido colocada em mau caminho pelo dito grupo e por mim. Assim minha carreira no Brasil se cingiu ao CNG. Ao contrário de outros, não soube me empenhar, mais tarde, para obter acumulações em Universidade.

Entre no CNG 5 anos após a sua criação, em 1937, quando junto ao Conselho Nacional de Estatística, CNE, formaria o IBGE. Esta instituição é um dos marcos das modernizações promovidas pelo Estado, após a chamada República Velha, a partir dos anos 30, e um instrumento das políticas de centralização do governo federal. Ligado inicialmente diretamente à Presidência da República, foi espécie de corpo assessor do Executivo.

Um segundo período, no meu entender, se refere ao período desenvolvimentista. Geografia e Estatística perdem espaço na administração, e são jogadas para fazer parte de Ministérios, diante da crescente complexidade do país em industrialização e urbanização, enquanto ascendem os economistas e seus órgãos, como a Fundação Getúlio Vargas.

O período seguinte tem a ver com o regime militar até o final do mandato do Geisel. Em nova fase de centralização autoritária, ao IBGE, colocado agora no Ministério do Planejamento, compete produzir estatísticas conjunturais e estruturais, precisas, formuladas pela tecnocracia dirigente. Compete-lhe também, desenhar a configuração espacial adequada à nova fase de industrialização e urbanização que sucede à crise do modelo de substituição de importações, no início dos anos 60. No que tange à Geografia, neste período, o IBGE vai perder a condição de principal centro de produção geográfica do País.

Quando criadas as primeiras Faculdades de Filosofia, também nos anos 30, visavam atender principalmente a formação de professores para o ensino secundário. A Geografia do IBGE, cedo, se tornou o centro de pesquisas, dos cursos de especialização, dos trabalhos de campo, das relações internacionais, a editora da *Revista Brasileira de Geografia, RBG*. Deu apoio e suporte financeiro às atividades da Associação dos Geógrafos Brasileiros, AGB. No

Rio de Janeiro, até o regime militar, praticamente não existem os cursos de pós-graduação. Deve-se reconhecer que o regime militar difundiu a moderna Universidade pelo país, abandonando o antigo sistema, francês de *Écolos*, pelo modelo americano de Departamentos, e incentivando a formalização das carreiras acadêmicas. Deste modo, a função do IBGE de suprir atividades típicas universitárias, ficou reduzida.

Finalmente, um último período, mostra a constante diminuição da posição da Geografia do IBGE no campo acadêmico desta disciplina, face a ascensão da Universidade. Por outro lado, ampliou-se o caráter multidisciplinar da instituição, adquirido na fase anterior, produzindo não só estatísticas, mas indicadores e suas análises. Hoje o IBGE se encontra na mídia porque é o órgão informante da inflação, do nível do emprego, do comportamento da produção, e... do INPC-r, importante para o nosso salário. No entanto, aí estão a globalização, o Mercosul, a valorização do espaço no gerenciamento das empresas e instituições, públicas e privadas, a pedir novas atuações da Geografia do IBGE.

Minhas atividades no IBGE foram influenciadas pelo processo geral que venho de descrever e, naturalmente, por outras condições particulares.

Hoje é fácil entender que, impor sua divisão regional, seria um ato conforme a um regime autoritário, que extingue a autonomia estadual, e assume todos os níveis de representação. Assim a geografia regional prevalece quando iniciei minha carreira no IBGE, e participei da Divisão Regional dos anos 40. Escolhi fazer São Paulo, por ser a unidade mais desenvolvida e quando a matéria foi levada para a Assembléia Geral da AGB em Lorena, imaginei que seria aplaudido, por ter concebido uma zona industrial, com a metrópole Paulistana, Campinas, Sorocaba. Por outro lado, concebi o zoneamento do Estado, no sentido de anéis periféricos ao centro, e não segundo o modelo tradicional de eixos das vias férreas. Ao contrário, fui bombardeado pela turma comandada por Aroldo de Azevedo. De novo, minha ingenuidade não me fez ver, que eu estava, lá, representando a ingerência do poder federal, na unidade da Federação mais ciosa de sua autonomia. Geomorfologia e geografia regional foram os primeiros setores de minha atividade.

Por volta de 1946, numa casa de amiga comum, Stella Peçanha, conheci Nilo Bernardes. Ambos eram estudantes de Geografia da PUC. Como entrar no IBGE, perguntava Nilo. Sugeri que viesse assistir as tertúlias que se realizavam no CNG, que eu daria um jeito dele conversar com o Fábio Guimarães, seu professor. O Fábio era uma pessoa tímida, introspectivo, o que dificultava a aproximação do extrovertido Nilo, na Universidade. Nilo apareceu, sentou ao meu lado. Do outro lado, sentava a Lysia. Nilo me oferece uma bala. Peço mais

uma e ofereço à Lysia, mentindo, que era o Nilo que a oferecera e que queria conhecê-la. Ao Nilo disse que a Lysia me perguntara por ele. Fim da história (com saudade), o Nilo entrou no IBGE e casou com a Lysia.

Se houve nepotismo na formação do IBGE, houve também muito romance e casamentos entre colegas. Uma vez um amigo brazilianista me dizia, em segredo, que o problema do País era a família, que os brasileiros se ocupam em demasia, em arrumar seus familiares.

Em 1948, a estrutura do Departamento comportava divisões, correspondentes às 5 Macrorregiões. O Lúcio comandava o Norte, Lindalvo, o Nordeste, Orlando, no Sul, Veríssimo no Centro-Oeste. Não recordo o chefe do Leste. Já havia então cerca de 15 a 20 geógrafos. Neste ano eu voltara de bolsa na França e fui designado para trabalhar com o Veríssimo. Tanto eu, como ele, éramos considerados meio loucos e por isso fomos colocados juntos. Havia um setor de Cartografia, outro de Ilustrações. No primeiro, conheci Rodolfo Pinto Barbosa, um dos co-fundadores do Clube dos Ibgeanos, onde militamos por muitos anos. Hoje, continuamos junto, atuando na Comissão dos aposentados, ele como Presidente, defendendo míseros reais. No segundo, conheci a simpatia que foi Percy Lau, que me apresentou Munch, Kokoschka, Kathe Kollwitz.

Neste ano fiz a segunda maior expedição de trabalho de campo, de cerca de 4 meses, sob a chefia do Veríssimo, pelo Centro-Oeste. No entanto, nesta época ter *status* era participar das equipes que acompanhavam o Professor Leo Waibel, convidado do IBGE.

Os trabalhos de Waibel significaram a transição, do domínio da Geografia Regional para a Geografia Sistemática no IBGE. No ano de 1950, tive a oportunidade de ser incluído na equipe que fez a excursão a Salvador e à região de Mantena, então em litígio entre Minas Gerais e Espírito Santo. Participaram também o Prof. Pfeifer e o prof. Egler, pai de Cláudio Egler. Ser aprovado pelo mestre, era o passaporte para ser reconhecido pelo Orlando e pelo Fábio, sobre o qual Orlando tinha enorme influência. Foi assim, que Orlando e Fábio começaram a me considerar e passei a ganhar chefias. Note-se que eu era tido como um elemento de Ruellan, cuja maneira de se intrometer nos assuntos do IBGE não eram muito do agrado de ambos. Um produto desta excursão foi um artigo na RBG sobre a região de Mantena.⁽¹⁰⁾

Uma forte rivalidade foi criada no IBGE, entre Fábio e Orlando, de um lado, e Jorge Zarur de outro. Zarur se ligava ao PSD, Fábio, à UDN. Os geógrafos do Departamento acabavam sendo considerados ligados a um ou a outro. Na medida em que acreditava no "purismo" político, fiquei numa opção difícil, pois não era udenista, pelo contrário, mas, Orlando e Fábio eram meus amigos. Aliás há que diga que, originariamente a briga começou entre Orlando e

Zarur, e que o Fábio entrou por apoiar o amigo. Outros amigos, como Nilo, Héldio, também eram do Fábio, cujo grupo me pareceu mais sofisticado. No entanto, Zarur, Faissol seu cunhado, não eram filhos de imigrantes, como eu mesmo lutando pela ascensão social? E pessoas como Antônio Guerra, povão, não aceitavam trabalhar com qualquer grupo? No entanto fui considerado como membro do grupo do Fábio, quando com a ascensão do 2º governo Vargas, Zarur tomou o poder, substituindo-me na chefia da Região Leste por Ney Strauch. Contudo, como não me envolvia nas futricas entre os membros dos dois grupos, fui incumbido de uma tarefa: continuar os trabalhos na Baixada Fluminense que iniciara com Regina Rochefort. Assim, agora com Myriam Mesquita, foi produzido *Estudos Rurais na Baixada Fluminense*(11), que forma com o relatório do Jalapão os meus preferidos.

Com o suicídio de Getúlio, o grupo do Fábio volta ao poder. Zarur morre prematuramente de insulto cardíaco e Faissol assume a liderança de seu grupo. Daí, até o regime militar os dois grupos se alternam, de acordo com o partido hegemônico no palácio presidencial do Rio, depois, de Brasília.

A Geografia Sistemática iria se expandir com o desenvolvimento juscelinista. O processo nacional, a influência de Rochefort, o partido ideológico tomado a favor da industrialização e urbanização, me moveram para a Geografia Econômica, a Industrial e a Urbana. Enquanto na UFRJ, Hilgard impedia a entrada dos membros da Escola de Pierre George, e o mesmo fazia na USP, o grupo do Aroldo, Fábio, cada vez mais "esquerdizante", promovia todo suporte para a sua influência, principalmente a de Michel Rochefort. Neste contexto, Lysia Bernardes produziu um estudo sobre a *Região de Influência do Rio de Janeiro* eu sobre a Industrialização no Sudeste(12). Também neste período publiquei a *Evolução da Rede Urbana*.

Com o regime militar, a geografia regional retoma relevo no IBGE, e o tema das "regiões homogêneas e regiões polarizadas" é valorizado, sem que a geografia sistemática tenha sido relegada. O país entra em nova fase de industrialização e urbanização e os setores tecnocráticos colocados à frente da gestão solicitam as informações a respeito de um processo, que exige, para a sua compreensão, cada vez mais, o reconhecimento da interação entre o sistemático e o regional. A Geografia Quantitativa apóia a superação da dicotomia formal Geografia Sistemática/Geografia Regional, objeto de elocubrações da Geografia Tradicional (Neste trabalho, Geografia Tradicional se refere à Escola Francesa Vidalina).

Quanto ao poder, na Geografia do IBGE, com Zarur morto, e Fábio aposentado, passa a ser disputado pelos seus herdeiros, Faissol, de um lado, o casal Bernardes e Miguel Alves de Lima do outro lado. Era comum quando um

grupo perdesse o domínio, que alguns de seus membros procurassem abrigo em outras instituições. Miguel se ligou à Escola Superior de Guerra, num dado momento, e retornou ao IBGE, durante o regime militar, onde foi o último Secretário Geral do CNG. Suas relações com a Lysia não eram muito boas, mas, ela foi sua chefe de Departamento, de Geografia. Os amigos do Fábio nutriam ciúmes entre si, na disputa pela amizade do mesmo.

Aos poucos Miguel foi se ligando ao Faissol, apesar das derrotas que lhe eram impostas. Queria a Geografia "neutra" no planejamento, opondo-se, por exemplo, a que o Departamento participasse na escolha de centros urbanos prioritários para investimentos; só poderia definir hierarquias de centralidade, ou outras, "cientificamente" definidas. Neste sentido, tanto a Lysia, quanto o Faissol, e eu, discordamos. Opôs-se às reformas da estrutura do IBGE promovidas por Isaac Kesternetzky, que além de dar um perfil interdisciplinar amplo à instituição, terminou com os CNE e CNG, compondo o Organograma de Diretorias, Superintendências e Departamentos dedicados à produção de dados primários, produção de indicadores, e de pesquisas e análises. Quando isto ocorreu, perdeu o cargo de Secretário Geral do CNG, voltou-se mais para a UERJ, e depois levou o Faissol para lá.

Com a nova estrutura do IBGE, Spiridião Faissol domina a Geografia da Instituição. Chegou a ser Diretor da área de pesquisas, envolvendo amplo corpo interdisciplinar, várias Superintendências. No entanto, depois da presidência do Isaac, os geógrafos da Casa alcançam, no máximo, chefia de Departamento. Ainda atualmente, aposentado, Faissol é certamente o geógrafo de maior penetração na burocracia do IBGE.

Quando do golpe militar, cheguei a ser preso e ter a residência vasculhada. Fui solto pela interferência de Hélio Walcacer, Secretário de Estado de Carlos Lacerda, cunhado da Lysia. Quanto ao IBGE, não ocorreu lá nenhuma perseguição aos que eram conhecidos como esquerdistas.

A primeira impressão, com o deflagrar de golpe, é que planejamento seria suspenso por um bom tempo. Logo depois, porém, o virtual "1º Ministro" é Roberto Campos, do Planejamento. O IPEA surge como o centro formulador de políticas, de elaboração de Planos, Trienal, Quinquenais, e o IBGE é chamado para subsidiar informações ao IPEA, localizado no Rio de Janeiro.

Sendo a Lysia a chefe do Departamento de Geografia, me indicou para ser o elemento de ligação entre o Departamento e o IPEA. Tanto ela, como eu, tínhamos bom trânsito no campo interdisciplinar. Antes do golpe, quando se desenvolveram os estudos sobre o urbano no Departamento de Geografia, houveram contatos, principalmente, com sociólogos e arquitetos. Agora iriam se multiplicar as relações com economistas.

Na verdade, uma característica do governo autoritário foi o de estabelecer sistemas, o do planejamento tendo sido um deles. Deste modo, as relações do DEGEO foram se estendendo para outras instituições, por exemplo, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano. No IPEA, pude perceber logo situações inesperadas. Pessoas que tinham sido expulsas, por razões ideológicas, de suas cidades de origem, foram contratadas para trabalhar no IPEA, como Rubens Mattos Pereira, demitido do Mackenzie de São Paulo e Julieta Calazans, fugida do Nordeste, com quem estabeleci uma nova amizade. Também encontrei, chefiando o setor de Transportes, Josef Barat, que eu conhecera em conferências de Paulo de Castro, realizadas em casas de amigos, para ajudar o seu sustento, uma vez que ele perdera o emprego de jornalista, com o golpe militar. Não me lembro de quem, um dia, ouvi no IPEA a seguinte frase: na guerra emite-se boletins falsos para o público, mas o Estado-Maior quer informações corretas do campo de batalha...

Pude também assistir e participar da evolução das contradições internas do regime, no que toca ao seu sistema de planejamento. No IPEA pude compreender porque muitos pesquisadores, por terem percebido as faces negativas do "socialismo real", ou as insuficiências do marxismo ortodoxo para lidar com as economias complexas da segunda metade do século, não tomaram posições de esquerda. Mas que, não deixavam de ser idealistas honestos, que procuravam, dentro de suas possibilidades, reverter a situação. Assim, construí novas amizades, das quais destaco Anibal Villella, Hamilton Tolosa e Thompson Andrade. No IBGE, Kesternetzky convidava Maria da Conceição Tavares fazer seminários, como sobre o neo-marxista Kalecki e recrutava jovens progressistas para liderar as novas áreas interdisciplinares da Instituição.

Alguma centelha, muitos dos militares deviam ter. Como explicar tantos filhos de militares, que se colocaram em contradição ao sistema, homens, ou mulheres, como Pedro Malan, no IPEA, ou Jane Souto no IBGE?

O instrumento da contradição foi apontar a verdadeira situação social da população brasileira, como os estudos sobre pobreza urbana, o levantamento do ENDEF, sobre o consumo, a não divisão do "bolo". Formaram-se dois partidos no sistema, que chegaram ao conflito, como no episódio de Malan contra Langoni, quando o primeiro negava que a educação seria o suficiente para a divisão do bolo; ou, de Kesternetzky contra Delfim, em torno da questão da manipulação de estatísticas. Num dado momento, foi possível ver Maria da Conceição Tavares, o, então jornalista, Caó, Tolosa, Fernando Rezende, e o autor destas linhas comenando as crises no sistema.

Além da institucional, continuei a relação pessoal estreita com o IPEA, quando em fins dos anos 70, sendo Faissol, Diretor, fui convidado para a chefia

do DEGEO. Com o processo descrito acima, creio que pude assistir, nestes anos 70, à emergência de dois movimentos no campo acadêmico, e que incluíam IPEA e IBGE: o da difusão das idéias das diversas correntes do PT, e o da difusão do discurso social-democrata.

Nesta fase, produzi diversos trabalhos que expressaram a preocupação com a distribuição da renda, inclusive em colaboração com mais dois novos amigos. Werner Baer e Pualo Haddad⁽¹³⁾.

Em 1979, toma posse o governo Figueiredo, que resolve ter como ministros Henrique Simonsen e Delfim Neto. Alguns meses depois, Simonsen se retira e Delfim o substitui no Ministério do Planejamento, o que provoca a demissão de Kesternetzky do IBGE. Para se vingar, Delfim entrega o IBGE a figuras, não as melhores, da Fundação Getúlio Vargas. Kesternetzky era originário da FGV e conseguira levar algumas funções, anteriormente da FGV, para o IBGE, que desde 1974, creio, também se transformara em Fundação. O custo de vida, por exemplo, o IBGE tinha a vantagem de poder fazer o levantamento por todas as regiões metropolitanas, enquanto o da FGV se restringia ao Grande Rio. Eu ainda fiquei algum tempo na chefia do DEGEO. "Fofocas" trazidas a mim garantem que alguns "amigos" geógrafos se encarregaram de me derrubar. O chefe seguinte do DEGEO foi o Spiridião Faissol.

O péssimo substituto de Kesternetzky chamava-se Jessé Montello. Em fins de 1983, fui convidado a dar cursos na Universidade do Texas em Austin, a partir de setembro de 1984, e tive a concordância da administração do IBGE. A praxe na Fundação era suspender o contrato, em casos como este. No entanto, por volta de março de 1984, fui informado de que meu contrato não seria suspenso. Tive vergonha de revelar a Austin, onde já me comprometera, comportamentos que, infelizmente, ainda existem em setores nossos. Assim, melancolicamente me aposentei, depois de 42 anos de atuação no IBGE.

Felizmente, fui alvo de gentilezas de colegas amigos, para que não passasse, e pudesse não depender, apenas, de uma pobre aposentadoria. Em primeiro lugar, os amigos da USP, agora um centro aberto a diversas correntes do pensamento geográfico, Maria Adélia A. de Souza, Esther Rossini, Milton Santos e outros, que me proporcionaram a oportunidade de ministrar cursos de Pós-Graduação sobre a Urbanização e sobre o Pensamento Geográfico e me animaram a procurar bolsas de pesquisa. Em segundo lugar, amigos do Fundão, Bertha Becker, Lia Osório, Iná Castro, e outros, que me fizeram dar aulas, em Pós-Graduação, sobre aquelas mesmas matérias e sobre a Geografia do Mundo Contemporâneo. Além disso, estes colegas, e outros, como Odete Seabra, Fani

Alessandri (a lista é longa), tem me brindado com convites para participações em Congressos, Simpósios, Seminários.

A saída do IBGE não me desviou dos temas da Geografia brasileira, mas influenciou para que me votasse também para temas internacionais, assim como, ampliasse o interesse por questões teóricas. Neste sentido, apontam as minhas últimas publicações⁽¹⁴⁾. A maior abertura do Brasil para os países centrais do capitalismo e para participar das novas regionalizações, também tem sido influência nesta direção. O desenvolvimento de uma "escola brasileira" geográfica passa, no meu entender, pela sua capacidade de produzir conhecimento sobre o espaço mundial.

Como afirmado anteriormente, o IBGE foi o *pivot* das relações internacionais da Geografia brasileira. Este papel foi declinando. Contudo, em um caso, o papel do IBGE continua quase o mesmo; no que diz respeito ao Instituto Pan-Americano de Geografia e História, IPGH, que é um órgão da OEA, coordenador de atividades que incluem, entre outras, a área geofísica, geodésica e cartográfica, que necessitam forçosamente a cooperação continental. Deste modo, a disputa dos mencionados grupos, para controlar a Geografia do IBGE, incluía, por tabela, a luta para a ocupação de posições no IPGH.

Em 1967, Fábio Macedo Soares Guimarães era Vice-Presidente do IPGH e Nilo Bernardes o Presidente da Comissão de Geografia, então sediada no Rio de Janeiro. O casal Bernardes era muito trabalhador, produziam para as necessidades do Fábio, que se via cada vez mais dependente deles. O ciúme do Orlando Valverde era crescente. Orlando também ocupava funções, creio que na mesma Comissão, mas sua produção era pouca. Por outro lado, eu me tornava cada vez mais autônomo, como pessoa, iniciara análise por volta de 1963, e minhas relações com o Fábio e com o casal Bernardes se intensificaram. Mais ciúme para o "mestre" que gostava de uma *entourage* para a qual pontificasse. Pois em 1967 houve a Conferência Regional da UGI no México e Orlando não seria custeado pelo IPGH. Empenhei-me para que fosse custeado pela AGB (sim, a AGB nacional podia pagar algumas passagens naquela época), mas caí na asneira de justificar o Fábio perante o Orlando, mostrando que os Bernardes lhe serviam melhor. Irritou-se, e, de acordo com o espírito da época, quis ver na minha atitude um adesismo político, disse que rompia relações e deixou de me falar. No entanto, continuou suas relações com o Fábio e os Bernardes. Eu seria um renegado. Naturalmente, as cargas aumentaram quando participei da quantitativa, a partir de 1969.

Orlando Valverde só tomou conhecimento de mim depois de minha aprovação pelo Waibel. Procurou sempre manter uma posição de chefe de

Escola, mas, aos poucos, eu tinha descoberto que lhe faltava embasamento teórico. Mas, por respeito a suas qualidades de coragem, franqueza, fidelidade, dedicação ao trabalho e às causas, aceitei sua liderança. Num dado momento, não recordo se nos anos 50, ou 60, fui procurado por uma instituição de Padova, para a realização de um Atlas sobre uso agrário do solo. Transferi a chefia para as mãos de Orlando e o grupo que produziu as folhas do Brasil foi constituído por ele, Rodolfo Barbosa, Myriam Mesquita e por mim. Lembro que contribui com inovações, quanto ao modo de representar as estatísticas de forma areal, com base em nossos conhecimentos de campo. Pois devido à briga, quando o Atlas foi finalmente impresso, não apareço com nenhum crédito. Também, para nenhum dos outros membros do grupo. O fato é que o Orlando gostaria que eu ficasse sempre à sua sombra, mas, para mim, fidelidade não se confunde com falta de discussões abertas ou verdades ditas. Confesso que, apesar de me sentir com a razão, sempre que revejo o episódio, especialmente depois de algumas atitudes anti-semitas que ele tomou, me sinto atingido emocionalmente. Acho que é o que ele queria.

7. Por que a Quantitativa?

Fui muito atacado e inquerido por ter atuado na Geografia Quantitativa. Eu poderia perguntar, de minha parte, e porque não por ter seguido a escola de George, ou os métodos trazidos por Rochefort, que foram protótipos da quantitativa? Porque estes eram franceses e a quantitativa veio dos anglo-saxões?

A oposição à quantitativa apresentou três vertentes:

- A primeira representava o preconceito contra tudo que é novo, ou diferente. Este comportamento imperou entre "tradicionalistas". Associado, ou não, ao preconceito, havia o medo de muitos, quanto a uma relação de poder. É que os que já se consideravam doutores, de repente, deveriam aprender novas linguagens, em situação igual a de seus alunos, e o que era pior, os alunos, mais jovens, aprendendo mais rapidamente. Não quero dizer com isso, que do outro lado, não houvesse o oportunismo e o carreirismo dos que queriam ser os mais "modernos", e "qualificados".
- A segunda vertente consistiu em denunciar uma pretensa ideologia política na Geografia Quantitativa, que teria sido concebida para servir ao "imperialismo americano", como afirmava Valverde. Difícil de sustentar, quando se viu a corrente se difundir rapidamente na antiga URSS e nas antigas chamadas Repúblicas Populares. A conceituada *Revista Polônica* foi profícua em artigos quantitativos.

- A crítica séria à quantitativa teve caráter ideológico epistemológico e partiu de setores realmente firmes na reflexão filosófica e científica. Correlações e regressões não provam relações de causalidade, a quantitativa era descritiva, como a tradicional, embora com maiores precisões, em alguns aspectos. Faltava-lhe a visão do processo histórico. Eu sabia disto.

Então, porque participei do movimento quantitativo?

Primeiro, porque tem validade como instrumento, até os dias de hoje, e quis dominá-lo.

Segundo, porque eu conhecia os reflexos do "bacharelismo" no campo geográfico, a falta de tradição na prática da lógica em nosso meio, uma herança colonial. Este tema já fora levantado no Brasil em 1860, por Sebastião Ferreira Soares, cuja re-edição, que promovi no IPEA, foi um dos melhores trabalhos que já realizei⁽¹⁵⁾. Preconceitos se organizam em duas mãos. O Prof. Alyrio de Matos, chefe da Cartografia e Geodesia do IBGE no início de sua história, referia-se à Geografia Humana como "conversativa". Portanto, achei que a quantitativa mudaria a forma de pensar de geógrafos, que, ao contrário dos sociólogos, não tinham a estatística em seu currículo de formação. E que depois, encontrariam outras lógicas, que não apenas a formal, das matemáticas.

No começo dos anos 70, governo Medici, não havia qualquer meio de falar em marxismo. Mas, era possível falar em sistemas, holismo e outras expressões do *jargon* funcionalista, o que de certo modo, representaria uma transição. Como disse em outra ocasião, não considero um acaso que tantos geógrafos de língua inglesa e do Brasil tivessem passado da quantitativa para o marxismo.

Situações curiosas ocorreram quando do movimento quantitativo. Por exemplo.

Inicialmente, os professores do grupo George não frequentavam a USP devido a oposição do grupo do Aroldo e aliados. No entanto, a reação à quantitativa criou a aliança dos tradicionalistas com setores esquerdistas, e Rochefort passou a frequentar São Paulo.

Com Faissol no poder, os franceses não eram mais convidados ao IBGE, mas Rochefort, dado o caráter funcionalista de sua metodologia, era convidado diretamente por setores do planejamento urbano e regional em Brasília, e aceitava. No entanto, tinha-se a impressão que evitava o IBGE por solidariedade aos anti-quantitativos.

O grupo George se colocou contra a quantitativa. No entanto, a Geomorfologia Climática de Tricart e Cailleux, que Tricart chegou a chamar de uma "concepção maxista", oposta à "burguesa", de Davis, se apoiava em métodos quantitativos.

Em Fortaleza, na reunião da AGB, creio em 1978, eu era atacado por causa da quantitativa, mas fui eu quem, na mesa redonda, rebateu a tese de Carlos Augusto Monteiro de que teoria sistêmica e marxismo eram praticamente semelhantes.

Orlando, neste encontro, atacou o computador(!), fazendo me recordar tempos, quando as máquinas eram as "responsáveis" pelo desemprego. E sugeria a nova grande arma para o futuro da Geografia, a imagem satélite (que hoje é interpretada por computador).

O que não se discutiu, foi a questão do direito do acesso ao computador, aos dados; como defender os direitos de autoria, quando antes da invenção do micro, as análises eram realizadas apenas nos grandes computadores institucionais, sujeitas a quebra de sigilo.

No meu modo de ver, uma componente do conflito, onde o IBGE era o alvo, consistiu na luta pela hegemonia da Universidade. Não nego que os ataques ao IBGE eram, para muitos, a forma de atacar o regime militar, uma vez que o IBGE era uma instituição direta do Executivo. No entanto, durante o governo militar, quase todas as Universidades estaduais tinham sido federalizadas, a caixa pagadora era a mesma. E mesmo assim, não faltou quem recriminasse geógrafos de trabalharem no IBGE para o planejamento do regime, mas consideravam aceitável fazer o mesmo através de escritórios de consultoria, ou de convênios entre a Universidade e instituições governamentais executivas. O ataque à geografia do IBGE me lembrava primitivos atacando um elefante já mortalmente ferido, pela própria política do governo em privilegiar a Universidade.

Uma forma de atacar, era a de reclamar que o IBGE sonegava dados, com o intuito de privilegiar a primazia para seus autores. Em parte, podia haver verdade. No entanto, havia também muita ignorância e incompreensão. Ignorava-se o tempo necessário para a conferência de dados produzidos, antes de liberados para a divulgação; ignorava-se a forma geométrica do crescimento de memória de computador e custos, para cada novo cruzamento de variáveis. E havia enorme incompreensão, quando se pedia ao IBGE, que já não dava conta de suas tarefas rotineiras, que escrevesse os programas das tabelas especiais solicitadas. Nos Estados Unidos, é verdade, os computadores das Universidades tem acesso ao *Bureau* de Censos, mas, os professores são assistidos por programadores em suas Universidades. Aqui, nos anos 70, as Universidades nem estavam equipadas de computadores.

Na verdade, não houve serenidade na discussão da quantitativa nos anos 70 e parte dos 80, por razões que, em parte, eu respeito. Atualmente o clima é diferente, o que não significa ausência de paixão, mas, com serenidade, ou,

como já foi dito, com doçura. A ironia é, que hoje, funcionalismo e marxismo são alvo da mesma crítica, quando se coloca em causa o excesso da sua atenção pelas comunalidades, pela semelhanças, em detrimento da diversidade. A este respeito, cabe a advertência de Wallerstein contra três tentações, a nomotética, a ideográfica e a da reificação⁽¹⁶⁾.

8. Na AGB.

Indiretamente, já me referi, em várias ocasiões à minha atuação na AGB. Episódios ainda não esquecidos.

Lorena. A discussão da Divisão Regional. A excursão à Bocaina.

Ruellan organizou a excursão segundo seu modelo hierárquico. Na frente, seguiria a turma da geomorfologia, atrás, a Geografia Humana. De Lorena, viajamos para Areal, onde pernoitamos, e no dia seguinte seria realizada a subida. No hotel de Areal, conheci uma menina bonitinha, o cabelo em franjinha, com quem flertei; comentei que íamos subir a Bocaina e ela resolveu acompanhar. Havia um número de montarias contratadas, mas não suficiente para todos. A turma da Geomorfologia, da qual eu fazia parte, montou e se mandou e a menina também montou um animal e nos acompanhou. A turma de Geografia Humana tinha o Monbeig, a Conceição Vicente Carvalho, mais velha que Lysia, Elza Coelho de Souza, e outros, a maioria mulheres. Na Geomorfologia prevaleciam homens. Pois os membros da Humana tiveram que se revesar, cada um fazendo longos trechos a pé. A turma da frente alcançou os campos de altitude, já ao cair da noite, num local onde havia um abrigo comum para acampar; preparou fogueiras, etc. A turma da Geografia Humana chegou já noite fechada. Lysia e Elza uma fúria. Primero a Lysia teve uma grande briga com o Miguel, líder da primeira turma. Acho que o Miguel nunca perdoou, a luta pelo poder entre ambos estava iniciada. Depois, se voltou para mim e disse que se eu falasse com a "franjinha" (sua a expressão), ela não falaria mais comigo. Na escuridão, era difícil ela me vigiar... No dia seguinte, cuidou-se para que houvesse mais equidade na distribuição dos animais, mas, aí, houve o disparo do cavalo da Elza, um susto, e o Miguel herói, conseguindo segurar o animal. Miguel teve forte queda pela Elza, que chamava de "major", mas, não chegou a haver namoro.

Belo Horizonte. Nesta Assembléia ousei enfrentar o Aroldo. Eu apresentei um trabalho sobre Angra dos Reis, cujo formato não seguia o paradigma da época (Como se vê, modelos, não foi uma invenção da quantitativa). Este paradigma mandava iniciar com posição, sítio, seguindo por evolução histórica, funções, crescimento urbano, mapa funcional... No fundo,

este paradigma revela a postura naturalista da geografia tradicional, colocando em primeiro lugar os fatos associados diretamente ao território. No entanto, eu achei que a definição da origem histórica poderia ser mesclada com a explicação da posição geográfica, e que poderia vir no início; que não havia razão para uma compartimentação dos temas de modo tão formal. O trabalho ia ser condenado a não publicação. Houve muita briga. Não recordo o resultado. Só em **Ribeirão Preto**, anos depois, Monbeig finalmente tomou coragem para criticar o conservadorismo do grupo de Aroldo. Ari França era independente, mais avançado, mas não tinha condições para enfrentar nosso "patron". Dos paulistas, também foi independente, Dirceu Lino de Matos. Se Aroldo representou São Paulo capital do café, Lino de Matos representou São Paulo em industrialização.

Em **Londrina** chefei o grupo que estudou a cidade. **Campina Grande** foi alcançada depois de uma longa viagem de ônibus que reuniu paulistas e cariocas. **Jequié, Belém, Fortaleza...** Não vou citar as Assembléias mais recentes, nem os Encontros de Geografia Urbana que me tem dado prazer participar, sendo que no Congresso de **Curitiba**, em 1994, fui convidado a apresentar este escrito. Quero lembrar intensa atividade na Seção Regional do Rio de Janeiro, enquanto efetivamente existiu. Participei da produção de *Estudos Cariocas* cuja capa foi desenhada pela minha esposa Anna Bella.

9. Considerações finais.

Espero ter sido fiel à verdade, nesta exposição e que erros cometidos tenham sido devidos a esquecimentos e não a intenções, embora Freud exista. O espaço também me obrigou a omissões inesperadas. Peço desculpas pelos que não citei no texto, vivos ou mortos, como João Dias da Silveira, filho de ferroviário, que reprimiu seus ímpetos de classe, se refugiando na Geomorfologia, Mário Lacerda de Mello, Gilberto Osório, Manuel Correa de Andrade, Aldo Paviani, Aziz Ab'Saber, Pasquale Petrone, um dos primeiros renovadores da Geografia Humana da USP, Armando Correa da Silva, Roberto Lobato, Maria do Carmo Galvão, etc. etc. É provável que, alguns citados no texto até não gostassem da forma que o fiz. Os que estão vivos têm a chance de replicar. Um dos pontos fracos da Geografia é a falta do hábito de debate franco, por escrito. Mas fazem parte, todos, da minha vida e do meu eu.

Não posso deixar de fazer menção especial a Fany Rachel Davidovich, colega de turma na UFRJ, desde meus 16 anos de idade, e formados juntos. Por indicação minha ao Faissol, então Secretário Geral do CNG, na presidência de Jurandir Pires Ferreira, sendo chefe do DEGEO, Antônio Teixeira Guerra,

ingressou no IBGE em 1960. Desde então, trabalhamos frequentemente em colaboração, e mantenho-me atento a seu pensamento e crítica.

10. Referências.

- (1) - Pedro P. Geiger. "Evolução do pensamento geográfico brasileiro, perspectivas. *Anais 4º Encontro Nacional de Geógrafos*, AGB, 1981.
- Pedro P. Geiger, "Industrialização e Urbanização no Brasil. Conhecimento e Atuação da Geografia", *RBG50* (nº especial), tomo 2, Rio de Janeiro, IBGE, 1988.
- (2) John Paul Jones III, Wolfgang natter e Theodore R. Schatzki. *Post-modern Contentions, Epochs, Politics, Space*, New York/London The Guilford Press, 1993.
- (3) - Pedro P. Geiger, "Contribuição à história da geografia urbana no Brasil". *Os caminhos da Reflexão sobre Cidade/Urbano*. ana Fani Allesandri, org. São Paulo, EDUSP, 1994. 363:384.
- (4) - Pedro P. Geiger e Fany R. Davidovich, "Estratégias Espaciais nas Políticas do Estado no Brasil", *Geografia, Sociedade e Estado*, 4º Congresso Brasileiro de Geógrafos, Livro 2,m vol. 2, 1984. 301:312.
- (5) - Henri Lefèvre, *Logique Formelle, Logique Dialectique*, Paris, Editions Sociales, 1947.
- (6) - Karl Kautsky, *La Question Agraire*, Paris, V. Giard & E. Brière, 1900.
- (7) - Pedro P. Geiger, "A Região Setentrional da Baixada Fluminense", *RBG*, 18(1), Rio de Janeiro, IBGE, 1956, 3:70.
- (8) - Pedro P. Geiger, *Evolução da Rede Urbana do Brasil*, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Cultura, 1963.
- (9) - Josef Barat e Pedro P. Geiger, "Estrutura Econômica das Áreas Metropolitanas Brasileiras", *Pesquisa e Planejamento Econômico*, 3(3), Rio de Janeiro, IPEA/INPES, 1973. 645:714.

- (10) - Pedro P. Geiger, "Alguns Problemas na Região entre Teófilo Otoni (MG) e Colatina (ES)", *RBG*, 13(3), Rio de Janeiro, IBGE, 1951, 403:422.
- (11) - Pedro P. Geiger e Myriam Mesquita, *Estudos Rurais na Baixada Fluminense*, Rio de Janeiro, IBGE, 1956.
- (12) - Pedro P. Geiger et al. "Estudo para a Geografia da Indústria no Sudeste do Brasil", *RBG*, 25(2), Rio de Janeiro, IBGE, 1963.
- (13) - Pedro P. Geiger, "Fluxos Interestaduais de Vazamento de Renda e Pobreza Urbana", *RGB*, 42(3), Rio de Janeiro, IBGE, 1980. 477:515.
- Werner Baer e Pedro P. Geiger, "Industrialização, Urbanização e a Persistência das Desigualdades Regionais no Brasil", *TBG*, 38(2), Rio de Janeiro, IBGE, 1976, 3:99.
- Werner Baer, Pedro P. Geiger e Paulo Haddad ed. *Dimensões do Desenvolvimento Brasileiro*, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1978.
- (14) - Pedro P. Geiger, "Mapa do Mundo Pós-moderno", *Fim de Século e Globalização*, Milton Santos et al. (org.). São Paulo, Hucitec, 1993. 103:118.
- Pedro P. Geiger, "Desterritorialização e Espacialização", *Território, Globalização e Fragmentação*, Milton Santos et al. (org.). São Paulo, Hucitec, 1994. 233:24.
- (15) - Sebastião Ferreira Santos, *Notas Estatísticas sobre a Produção Agrícola e Carestia dos Gêneros Alimentícios no Império do Brasil*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve e Com., 1860. Reeditado pelo IPEA/INPES na série Pensamento Econômico Brasileiro, nº 2 em 1977.
- (16) - Immanuel Wallerstein, "Hold the Tiller Firm: On Method and the Unit of Analysis", *Comparative Civilizations Review*, 30, ISCS, Spring 1994, 72:80.